

A mediação escolar na recepção televisiva: um estudo das representações sobre AIDS, construídas por adolescentes de Florianópolis, a partir das campanhas de TV*

Maria Isabel Orofino Schaefer**

Introdução: de consumidores para produtores críticos

Este texto tem o objetivo de sintetizar alguns dos resultados obtidos com a pesquisa *A mediação escolar na recepção televisiva*, desenvolvida no ano de 1995, em duas escolas da cidade de Florianópolis, com estudantes da 8ª série do Primeiro Grau. A temática geral, que orientou o trabalho de pesquisa bibliográfica e de campo, está voltada para o papel da TV na socialização das novas gerações e para as possibilidades de a instituição escolar potencializar o seu papel de mediadora na reflexão dos conteúdos veiculados pela indústria cultural.

A pesquisa teve dois eixos orientadores para a ação no espaço escolar: inicialmente realizou-se um **estudo de recepção** do discurso oficial das campanhas de prevenção da AIDS, que buscou verificar como os adolescentes reelaboram, interpretam e constroem determinados conteúdos a partir deste tipo de iniciativa em comunicação. Paralelamente, foi desenvolvida uma iniciativa de **educação para a mídia**, que possibilitou tanto uma permanência maior na escola, quanto um aprofundamento do trabalho com os adolescentes, resultando inclusive na prática da elaboração de um vídeo com a própria classe envolvida. O vídeo *Recado da 81* pode ser um exemplo de narrativa audiovisual produzida por

* Síntese da dissertação de mestrado apresentada em agosto de 1996 no Programa de Pós-graduação em Educação do CED/UFSC, sob orientação da professora Maria Luiza Belloni.

** Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

estudantes e que ressalta o potencial transformador que esta linguagem pode exercer, quando utilizada a favor do pronunciamento de vozes marginalizadas e silenciadas pela cultura dominante – a cultura do mercado. A linguagem audiovisual é rica por caracterizar-se como uma expressão transdisciplinar, uma vez que integra o texto escrito, o conteúdo problematizado, a linguagem icônica e plástica da imagem, bem como os ritmos musicais. O vídeo *Recado da 81* foi regado a *rap*, uma expressão da cultura das comunidades de periferia de muitas partes do mundo contemporâneo e que veio a contribuir significativamente para a reflexão acerca da comunicação e educação nestes tempos de globalização cultural. Nas páginas a seguir, apresento alguns dos posicionamentos teóricos que orientaram a realização desta pesquisa.

Crianças, jovens e a cultura midiática

Pensar a infância e a adolescência nas sociedades contemporâneas implica pensar as mais variadas formas de desenvolvimento, crescimento, educação e socialização que a vida em nosso planeta oferece. Implica pensar nas maneiras mais plurais e diversificadas de acordo com o meio ambiente natural, as condições de vida, a cultura econômica, a religião, o modelo familiar e as condições materiais da própria existência. Qualquer tentativa de generalização pode receber inúmeras acusações de “visão totalizante”. As crianças brincam, crescem e aprendem o mundo a sua volta de maneiras muito diversificadas, não resta dúvidas, mas há, por outro lado, várias dimensões da vida social que determinam unidades bastante óbvias em meio à diversidade de situações em que os seres humanos se desenvolvem em seus contextos culturais. Estas unidades podem ser compreendidas a partir das estruturas sociais que condicionam nossas formas de viver, dentre elas a estrutura econômica, o poder político, a língua nacional, o sistema educacional e, hoje em dia, o modelo midiático que nos oferece uma vasta gama de discursos; em sua grande maioria definidos pela lógica do consumo.

Isto nos possibilita pensar que, atualmente, ainda que as pessoas vivam em situações tão diversificadas, suas realidades são permeadas por (e muitas vezes oprimidas por) estruturas sociais comuns. Portanto, considero curioso imaginar como as crianças de países tão diferentes, com culturas regionais tão variadas, podem dar sentido e significado próprios

A mediação escolar na recepção televisiva: um estudo ... • 147

para brincadeiras comuns. A grande instituição social responsável pela realidade de termos tantas crianças no mundo se divertindo com brincadeiras em comum, tão sincronicamente, é, sem sombra de dúvidas, a **televisão**. Por exemplo: as tartarugas ninja, os cavaleiros do zodíaco, a família dinossauro, jiban, jiraya e jaspion, o velho batman, o babár francês, o capitão planeta são modelos de narrativas oferecidos pela indústria cultural (há quem diga que sejam enlatados impostos às populações locais), que se entrelaçam com realidades culturais múltiplas.

O fato de estarmos vivendo o período da história em que o modelo capitalista de organização econômica e social se consolida em termos mundiais e que as novas tecnologias de base microeletrônica se desenvolvem de maneira muito acelerada, transformando portanto a materialidade da vida social, nos coloca diante de situações sócio-culturais tão novas que é muito normal termos dificuldades em delimitar os contornos e as conseqüências de tantas mudanças.

Como ponto de partida, eu gostaria de discorrer sobre a realidade social a que me refiro, e em particular sobre como as novas tecnologias têm provocado discussões a respeito de visões paradigmáticas com relação à vida social. Com certeza, as referências que apresentarei serão parciais, mas pretendem revelar como me situo diante da profusão acelerada de conceitos e definições que invadem a própria vida acadêmica.

Entre bits e gigabytes experimentamos o que vem a ser uma “vida digital”

Nosso cenário social mudou... ou melhor, as definições sobre nossa realidade social mudaram. Posições sustentadas por uma gama significativa de autores contemporâneos definem a realidade social como fragmentada, dispersa, cibernética, pós-tradicional, pós-industrial, pós-moderna. A compreensão de que a chamada 3ª Revolução Tecnológica (ou a entrada da tecnologia de base microeletrônica na esfera do mundo produtivo e do trabalho) tem acarretado mudanças significativas nos cenários e estruturas sociais contemporâneas não é novidade alguma nas discussões acadêmicas. Segundo estas definições, ao que parece, o movimento contínuo e dialético da história nos coloca frente à frente com transformações que, segundo Anthony Giddens¹, são extensas (sob o ponto de vista do escopo de sua abrangência) e intensas (sob o

148 • Maria Isabel Orofino Schaefer

aspecto do impacto nos indivíduos nas sociedades), exigindo que nos posicionemos criticamente frente a uma realidade de “desintegração” de verdades absolutas (segundo principalmente o posicionamento dos autores ditos “pós-modernos”), mas que caminha na consolidação de um grande verdade – o alcance mundial do capitalismo moderno.

Isso nos coloca diante de uma realidade que, se por um lado nos parece nova por estarmos imersos em seu contexto e, por consequência, termos dificuldade de delimitar seus contornos; por outro lado consolida o que Marx, com tanto brilhantismo, anunciou há mais de um século atrás, naquele que é considerado um dos grandes textos do modernismo, *O Manifesto Comunista*:

... “Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte.

Pela exploração do mercado mundial, a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. Para desespero dos reacionários, ela retirou a indústria da sua base nacional. As velhas indústrias nacionais foram destruídas e continuam a sê-lo diariamente. São suplantadas por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão vital para todas as nações civilizadas, indústrias que não empregam mais matéria-primas nacionais, mas sim matérias-primas das regiões mais distantes, cujos produtos se consomem não somente no próprio país, mas em todas as partes do globo. Em lugar das antigas necessidades, satisfeitas pelos produtos nacionais, nascem novas necessidades que reclamam por sua satisfação os produtos das regiões mais longínquas e dos climas mais diversos. Em lugar do antigo isolamento de regiões e nações que se bastavam a si próprias, desenvolve-se um intercâmbio universal, uma universal interdependência das nações. E isto se refere tanto à produção material como à produção intelectual. As criações intelectuais de uma nação tornam-se propriedade comum de todas” (Marx, Engels, 1848. Grifo meu).

Este texto, que acabo de citar, é apontado por Marshall Berman², não apenas como uma incrível definição do poder de articulação do capitalismo moderno, mas também como uma singular capacidade de expressão – no domínio estético – da desconcertante força de expansão deste sistema político e econômico. Este fenômeno vem sendo definido, também, por muitos autores contemporâneos, como **globalização econômica e cultural**. O terreno da globalização, enquanto construto teórico, é bastante novo; ele passa a ser uma exigência diante da própria realidade que se apresenta. Segundo Anthony Giddens³, a problemática da globalização ainda não foi suficientemente teorizada; entretanto, ela reside em questões estruturais que estão conectadas às dimensões institucionais da modernidade, que relacionam o avanço do capitalismo à divisão internacional do trabalho (industrialismo), ao sistema de estados-nação (controle de informação e supervisão social) e à ordem militar (industrialização da guerra).

Durante muitos anos, o fenômeno da globalização foi explicado de forma bastante determinista, (principalmente pelos teóricos da comunicação inspirados no trabalho de Marshall McLuhan), definindo que o mundo se tornara uma “aldeia global” e posicionando os meios eletrônicos de comunicação de massa como determinantes deste processo.

Sem dúvidas, o avanço da mídia desempenha um papel fundamental na dinâmica deste processo, uma vez que a mesma se caracteriza como um sistema que invade os mais longínquos pontos do globo; mas este avanço precisa ser compreendido dentro das estruturas que o determinam. Estas estruturas estão diretamente ligadas ao avanço do próprio industrialismo/capitalismo, visto que os meios de informação contemporâneos caracterizam-se como um ramo exponencial desta expansão, bem como do desenvolvimento científico e tecnológico muitas vezes voltado para fins militares.

O fato é que a indústria da comunicação se consolida como um dos setores mais afluentes do capitalismo tardio, caracterizando-se a cada dia por grandes conglomerados econômicos, que pronunciam discursos permeados por defesas explícitas a um neoliberalismo “vitorioso”, à retórica do Estado mínimo, à reprodução de papéis sociais legitimados pelas estruturas dominantes e por preconceitos de classe, gênero, etnia e sexualidade. Isto exige que aqueles que acreditam em uma sociedade que supere as injustiças e avance em projeto de consolidação demo-

150 • Maria Isabel Orofino Schaefer

crática e construção de cidadania, se articulem com as várias esferas da sociedade civil na construção de alianças que possibilitem a transformação desta realidade, conferindo poder, em termos de prática discursiva e produção simbólica, às camadas excluídas e marginalizadas sócio-culturalmente.

A televisão vem sendo, há mais de 50 anos, a porta-voz fundamental de estruturas de poder, que operam, cada vez mais, através da manipulação e administração das energias e dos investimentos afetivos, com finalidades políticas. Segundo Tomaz Tadeu da Silva, em seu recente livro **Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação**, estes discursos apelam a:

“uma nova economia do afeto e do sentimento, uma nova forma muito mais sutil de envolvimento e engajamento dos sujeitos e das consciências que a crítica tradicional, baseada em noções racionalistas e instrumentais de poder e interesse, pode ser incapaz de perceber, captar, penetrar e contestar...Essas novas formas de constituição da identidade pessoal e social partem de uma compreensão muito precisa do papel da chamada cultura de massa. Nessa compreensão, os chamados meios de comunicação não são vistos propriamente como meios de “comunicação” ou como meios de representação da realidade, mas como meios de fabricação da representação e de envolvimento afetivo do espectador e consumidor” (Silva, 1994: p.18).

Diante deste quadro considero de fundamental importância aprofundarmos o debate acerca do papel que a mídia vem desempenhando e das estratégias de mobilização que vêm sendo utilizadas na socialização das novas gerações.

A TV como uma nova agência de socialização

Diante do atual crescimento de oferta de novas textualidades, provocado pelo desenvolvimento das tecnologias de base microeletrônica, convivemos com uma invasão de aparelhos que têm preenchido os espaços de lazer e de trabalho da população em geral. Na esfera do lazer e do entretenimento, a proliferação da imagem eletrônica tem gerado um conjunto de representações do mundo social que, segundo Muniz Sodré,

A mediação escolar na recepção televisiva: um estudo ... • 151

“funcionam como dispositivos de mobilização e integração das populações – portanto, como um tipo de administração ou gestão da vida social – e não como mediações explicitamente políticas (geradores de civitas) ou pedagógicas (formadoras, aptas a suscitar a compreensão e a descoberta) dentro do modelo democrático tradicional. Entretanto, os mass media são dissimuladamente político-pedagógicos. Neles política e pedagogia disfarçam-se com uma roupagem estética” (1991: 27).

Na medida em que as relações familiares também se transformam e a exigência da participação da mulher no mercado de trabalho se consolida, o espaço doméstico passa a ser preenchido (uma vez que os pais estão fora para a realização do trabalho remunerado) pela companhia da televisão, a babá eletrônica de milhões de crianças em todo o país. São muitas as pesquisas que revelam o número de horas que as crianças e adolescentes passam diante da televisão diariamente. Grande parte delas confirma que o número de horas é, sem dúvidas, superior ao tempo em que crianças e adolescentes passam na escola. José Manoel Moran, por exemplo, afirma que:

“A criança chega à adolescência depois de ter assistido a 15 mil horas de televisão e mais de 350 mil comerciais, contra menos de 11 mil horas de escola. A televisão é agradável, não requer esforço e seu ritmo é alucinante. É sua primeira escola. Quando chega aos bancos escolares, já está acostumada a esta linguagem ágil e sedutora. E a escola não consegue chegar perto dessa forma de contar. A criança julga-a a partir do aprendido na televisão” (1991: 61).

A escola, enquanto instituição socializadora das novas gerações, passou a ter lado-a-lado, como concorrente, as telas de TV, presentes na grande maioria dos lares brasileiros. Segundo os dados levantados por esta própria pesquisa, todos os adolescentes entrevistados possuem pelo menos um aparelho de TV em casa (com exceção de duas moças de religião evangélica).

As instituições de socialização tradicionais (família e escola) passam agora a dividir a sua tarefa com uma atraente, hipnotizante e sedutora máquina que difunde e prolifera valores, ideais, estereótipos, na

152 • Maria Isabel Orofino Schaefer

maioria das vezes definidos pelos interesses de grupos econômicos (cada vez mais restritos), que detém a sua programação.

Cabe ressaltar que no caso do Brasil, como um país em desenvolvimento, parte de sua população infanto-juvenil sequer tem acesso à instituição escolar, tendo, portanto, a televisão como a única “escola”. Segundo Maria Luiza Belloni:

“Nas sociedades atuais, a televisão desempenha um papel muito importante na dimensão semântica do processo de socialização, fornecendo as significações (mitos, símbolos, representações) preenchendo o universo simbólico das crianças com imagens irreais que pretendem representar o real e transmitindo o saber acumulado. Através destas imagens a televisão apresenta às crianças e adolescentes as normas da integração social” (1991:35).

Há, entretanto, algumas peculiaridades nesta característica autoritária da TV. Ainda que a programação seja definida por seletos grupos econômicos, revelando uma espécie de autoritarismo da indústria cultural, o conjunto de sua discursividade é extremamente diversificado entre si. São gêneros muito distintos, como, por exemplo: o telejornalismo, as narrativas dramáticas e ficcionais, os programas de debate, os desenhos animados, que não são necessariamente gêneros criados pela linguagem televisual, mas, sim, apropriações da herança cultural e dos gostos populares que antecederam à TV. As pessoas telespectadoras estabelecem preferências diferentes diante do conjunto discursivo oferecido por este media.

Os estudos de recepção (uma das etapas metodológicas utilizadas nesta pesquisa) têm como preocupação fundamental compreender como se estabelecem **mediações** no processo de apreensão do discurso televisual, a partir do ponto de vista dos telespectadores. Conforme ressalta Valério Fuenzallida:

“Diante, portanto, desta polidiscursividade da TV, o telespectador não desenvolve uma relação homogênea e unívoca, mas sim diversificada, com expectativas e gostos diferenciados. Não deveríamos portanto falar da relação com a TV, mas das múltiplas relações com a TV” (1989:43).

Os estudos de recepção contribuem significativamente para compreendermos os efeitos da TV de maneira mais complexa e orgânica e menos determinista.

Televisão e linguagem

Nós estamos tão acostumados com a dinâmica da linguagem televisual que se torna comum compreendê-la como construções “naturais”. Nós, com frequência, não consideramos o fato de que o discurso da TV obedece a determinados padrões de uma hegemonia discursiva. Na esfera da Educação, este tema tem sido muito pouco debatido, tornando-se, de certa forma, “desconhecido” e gerando um verdadeiro imobilismo diante da questão. Parece muito óbvio que a TV exerça uma grande influência na formação e construção da subjetividade, atuando na esfera da construção do nosso imaginário. Porém, os profissionais da Educação têm tido muito pouco espaço em suas próprias formações educacionais para discutirem esta questão, o que dificulta suas intervenções críticas, em sala de aula, com relação à TV.

A linguagem da televisão torna-se, com o advento dos aparatos de computação gráfica, a cada dia mais sofisticada, ganhando um ritmo cada vez mais dinâmico, acelerado, com a sobreposição de muitas informações no mesmo instante. A tela da TV é constantemente recortada com várias imagens que constroem novas significações. Esta dinâmica narrativa, para ser apreendida com criticidade, necessita de um determinado aparato teórico que nos garanta uma leitura especializada. No conjunto de construtos teóricos, que lidam com esta temática, a semiótica tem sido a tendência mais destacada.

A semiótica, como teoria geral dos signos nos possibilita compreender as unidades mínimas de significação (signos) e suas articulações entre si, na construção de representações. Ela nos orienta na reflexão sobre as arbitrariedades de determinadas opções, nos revelando o caráter social e histórico (portanto, potencialmente transformável) na construção das linguagens. A linguagem da TV se caracteriza como um complexo processo semiótico, utilizando signos simbólicos, icônicos e indiciais em três diferentes dimensões: a verbal, a da imagem e a sonora. Para aqueles que desejam estudar a dinâmica narrativa da linguagem audiovisual, a obra de Umberto Eco é exemplar.

154 • Maria Isabel Orofino Schaefer

Também as articulações entre forma e conteúdo oferecem elementos para analisarmos a linguagem da TV. Utilizando-se de recursos tecnológicos digitais, a distância entre a linguagem de informática e televisão tende a diminuir. Atualmente os recursos de computação gráfica têm sido utilizados intensamente nas formas de representação construídas para fins televisuais. Desde a captação da imagem de maneira digital, à própria edição não-linear no computador, as alterações e distorções da imagem deste novo sistema fazem com que a “falsificação” se torne cada vez mais verossímil, apresentando-se aos olhos desatentos como imagens “verdadeiras”. O público desavisado têm, com frequência, a tendência de considerar as imagens da televisão como “a realidade”. É comum ouvirmos “é verdade, eu vi na televisão”, declaração esta que atesta que as pessoas não possuem elementos para debater o que consiste uma **representação da realidade**. Se este tipo de postura já acontecia com a utilização de restritos recursos de enquadramento e edição, eles agora se tornarão muito mais fáceis de acontecer com os novos recursos tecnológicos disponíveis. Arlindo Machado descreve esta nova fase, quando os recursos da informática passam a ser utilizados na linguagem televisual com ênfase cada vez maior, da seguinte maneira:

“O que caracteriza essa nova fase é a imensa manipulabilidade da imagem, não apenas a nível da articulação dos planos, através do corte e da montagem, mas sobretudo no nível interno, na articulação dos elementos visuais dentro do quadro. A imagem realista convencional obtida com a câmera passa a ser dissolvida numa rede de efeitos gráficos acentuadamente abstratos, que afastam cada vez mais a televisão do seu padrão figurativo original. A evolução de uma linguagem analógica para uma linguagem digital pode ser definida como a transformação de uma televisão predominantemente figurativa em uma TV predominantemente gráfica” (1988: 158).

O que o autor anunciava no ano de 1988, tornou-se hoje lugar comum nas produções que a TV tem apresentado cotidianamente. Mas, apesar de utilizar de novos recursos técnicos, que definem uma nova forma para a programação em geral, a TV comercial, digamos convencional, tem mantido e privilegiado velhos conteúdos. Não quero gene-

realizar essa afirmação; é claro que a TV tem apresentado temas mais polêmicos, tem discutido questões profundamente excluídas do repertório social, especialmente no telejornalismo. De maneira geral, a TV, a que a grande maioria da população assiste (a TV *broadcasting* comercial), insiste em manter velhos conteúdos intactos, perceptíveis no conservadorismo das telenovelas, dos telejornais e dos programas infantis e humorísticos. Conservadorismo no sentido de que seus conteúdos têm privilegiado aspectos da cultura burguesa, consumista, de etnicidade branca e construídos sob um ponto de vista masculino. Com certeza os telespectadores reelaboram estas mensagens, a partir de seus próprios repertórios sócio-culturais. O que não se pode esquecer é que, independente do fato de os atores sociais terem relativa autonomia diante da TV, de terem a opção de desligá-la, de mudar o canal, ou ainda de que o produto sofre múltiplas mediações no processo de recepção, não podemos esquecer que o processo de emissão das mensagens é determinado por seletos grupos econômicos que têm privilegiado discursos insistentemente conservadores.

Qual a importância de toda esta argumentação para a ação no espaço escolar?

Nossa cultura passou a incorporar práticas de difusão de valores e ideologias através de instrumentos eletrônicos de comunicação que atingiram uma repercussão nitidamente maior do que as demais instituições socializadoras (escola e igreja, por exemplo). Esta é uma realidade concreta que se pauta, sobretudo, pela transformação de nossa cultura material. Isto tem provocado o surgimento de iniciativas teóricas críticas na esfera da Educação, trazendo à tona reflexões sobre a ação dos meios de comunicação de massa como espécies de “escolas paralelas”.

Estas preocupações emergiram como expressão teórico-metodológicas nos estudos de **educação para a mídia**, cujas primeiras iniciativas datam da década de 30, em países da Europa. Entretanto, o projeto passou a ser amplamente debatido a partir de discussões promovidas pela UNESCO, na década de 70, que resultaram em uma declaração da educação para a mídia, em 1982 (cf. Masterman, 1986). No Brasil, o debate sobre educação e mídia surge, inicialmente, com a rejeição de projetos voltados para a euforia tecnicista e também buscando

a construção de alianças com os projetos de **leitura crítica dos meios de comunicação**. As primeiras iniciativas surgiram em meados da década de 60, com preocupações voltadas para o rádio e o cinema.

O que é crucial, entretanto, é que, apesar de tantos caminhos já trilhados, a discussão sobre educação e mídia no Brasil ainda se mantém como um terreno confuso, muitas vezes ausente dos currículos dos cursos de graduação em Pedagogia, fazendo com que os atuais professores desconheçam o assunto, sintam-se inseguros diante da utilização de novos instrumentos tecnológicos e, o mais crucial, não se sintam habilitados a desenvolver uma apreciação crítica da linguagem audiovisual.

A prática da pesquisa ou o exercício de se lançar aos novos desafios

A proposta específica desta pesquisa buscou realizar um entrelaçamento entre o estudo de recepção e a educação para a mídia. Na verdade, a pesquisa utilizou-se de uma estratégia de intervenção que pretendeu analisar o papel da escola como mediadora de conteúdos veiculados pela TV, privilegiando, assim, o ponto de vista dos receptores das mensagens, neste caso o público adolescente. As mensagens investigadas foram as campanhas de prevenção da AIDS, produzidas pelo Ministério da Saúde, no período de 1989 a 1994. Mais do que o debate, esta pesquisa avançou na experimentação do uso da linguagem audiovisual pelos adolescentes envolvidos na ação, buscando a possibilidade da postura de **produtores críticos**, compreendendo que a prática, o fazer é fundamental para o desenvolvimento de leituras críticas.

A utilização da categoria **mediação escolar** fundamentou-se no trabalho de Guillermo Orozco, culturalista latino-americano, que desenvolveu uma abordagem teórico-metodológica conhecida por **estudo das múltiplas mediações** ou **enfoque integral da audiência**. Neste enfoque o autor busca definir os processos de trocas e reelaborações simbólicas que um determinado produto da indústria cultural sofre em seu processo de recepção. Orozco define que, no processo de recepção, os espectadores não assumem, necessariamente, um papel passivo:

“A atividade dos espectadores acontece de diversas maneiras através de uma seqüência interativa que implica em diversos

graus de envolvimento e processamento do conteúdo televisivo”
(Orozco, 1991).

O autor destaca também que os espectadores estabelecem relações de negociação com o meio televisivo, dentre elas a apropriação, mas também a recusa e a contraposição. Além disso, o telespectador, além de assistir TV, é também filho de uma família, aluno de uma escola, membro de um grupo de amigos e pertencente a um grupo sócio-cultural específico, onde se distingue devido ao gênero, idade, orientação sexual e religião, por exemplo. Portanto, os cenários sócio-culturais agem como **mediadores** no processo de recepção, pois o telespectador “não nasce pronto, mas se faz, ao longo da experiência da vida”.

O *enfoque integral da audiência* reúne também os conceitos de: regra, cognoscitividade dos agentes e mediações estruturais da **teoria da estruturação** de Anthony Giddens.

Giddens tem se destacado como um dos grandes nomes da teoria social contemporânea, precisamente com um trabalho que rompe os limites do “sociológico”, ampliando o espectro da análise para o **social** (Craib, 1992).

Ao elaborar a *teoria da estruturação*, Giddens buscar romper com os velhos dualismos prevaletentes nas teorias sociológicas como: mudança/estrutura, indivíduo/sociedade, determinismo/voluntarismo, chamando a atenção para a uma nova compreensão em termos de dualidades não excludentes ou opostas, mas como mutuamente constitutivas de um mesmo processo.

Para Giddens, ser um **agente** significa ser capaz de “atuar de outro modo”, significa ser capaz de intervir no mundo, ou abster-se de tal intervenção, com o efeito de influenciar um processo ou estado específico de coisas. “A ação depende da capacidade do indivíduo de criar uma diferença em relação ao estado de coisas ou curso de eventos preexistentes. Um agente deixa de o ser se perde a capacidade para “criar uma diferença”, isto é, para exercer alguma espécie de poder” (Giddens, 1984).

Este autor destaca também que, ao analisarmos as relações sociais, temos que reconhecer tanto uma dimensão sintagmática (a padronização de relações sociais no tempo-espaço, envolvendo a reprodução de práticas localizadas), como uma dimensão paradigmática (envolvendo

158 • Maria Isabel Orofino Schaefer

uma ordem virtual de “modos de estruturação” recursivamente implicados em tal reprodução). “Portanto, dizer que estrutura é uma “ordem virtual” de relações transformadoras significa que os sistemas sociais, como práticas sociais reproduzidas, não têm “estruturas”, mas antes exibem “propriedades estruturais”, e que a estrutura só existe, como presença espaço-temporal, em suas exemplificações em tais práticas e como traços mnêmicos orientando a conduta de **agentes humanos dotados de capacidade cognoscitiva**” (Giddens, 1984).

Por **cognoscitividade** o autor busca ressaltar que, como atores sociais os seres humanos são “instruídos” no que diz respeito ao conhecimento que possuem e aplicam na produção e reprodução de encontros sociais cotidianos; o grande volume deste conhecimento é, em sua maioria, de caráter mais prático do que teórico. As **regras** são, portanto, a reprodução das práticas institucionalizadas, isto é, as práticas mais profundamente sedimentadas no tempo-espaço. Nas formulações de Giddens, a maioria das regras envolvidas na produção e reprodução das práticas sociais são apenas tacitamente apreendidas pelos atores: eles sabem como “prosseguir”. A formulação discursiva de uma regra já é uma interpretação dela e pode em si e de si mesma alterar a sua aplicação.

Um dos grandes méritos deste autor é a busca da compreensão do movimento de transformação das relações sociais no tempo-espaço, conferindo aos atores sociais o seu papel não apenas na reprodução (como fora amplamente abordado pelos autores estruturalistas), mas fundamentalmente na **produção** da estruturação social. É justamente a ênfase que Giddens confere aos atores sociais que atende aos interesses de Orozco nos estudos de recepção. A compreensão do papel dos sujeitos sociais nas suas relações com as dimensões estruturais da sociedade é o enfoque teórico metodológico dos estudos de recepção. Os sujeitos sociais envolvidos nesta pesquisa são adolescentes, estudantes da 8ª série e a metodologia revelou-se bastante apropriada para a intervenção no espaço escolar, alcançando-se resultados práticos bastante satisfatórios.

Conclusão

Existem hoje muitos trabalhos na área da Educação que buscam analisar e compreender o papel da *mídia* como construtora de consenso

A mediação escolar na recepção televisiva: um estudo ... • 159

que legitima não somente a ideologia dominante mas também o *status quo*. A mídia, devido ao fato de operar dentro de uma lógica que, historicamente se inscreve no momento da produção industrial, atende aos interesses de difusão deste sistema, obedecendo às regras de produção e circulação de mercadorias do modelo de sociedade capitalista. Isto confere à Educação Pública não apenas uma responsabilidade, mas principalmente a compreensão da **possibilidade** de realizar intervenções críticas e principalmente de potencializar as **mediações** que a escola já desempenha (nas muitas conversas nos pátios e salas de aula). Acredito que a instituição escolar precisa estar alerta e habilitada a problematizar a ação dos meios de comunicação de massa como uma condição para a conquista da cidadania, da democracia e liberdade e também como estratégia de superação de formas de opressão discursiva, avançando na prática de construção de novas narrativas a partir do espaço escolar, conferindo aos estudantes o seu papel de **produtores críticos**.

Notas

1. Anthony Giddens tem desenvolvido um amplo referencial a respeito da relação dialética entre indivíduo e sociedade, revelando-se como um dos grandes expoentes nesta abordagem. Esta discussão está presente em seus mais recentes trabalhos (cf. **Consequências da Modernidade, Modernity and Self-Identity, As Transformações da Intimidade e a Constituição da Sociedade**).
2. Berman, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
3. Giddens, Anthony. **Consequências da Modernidade**. São Paulo, UNESP, 1991.

Referências bibliográficas

- BELLONI, Maria Luíza. Mundialização da cultura. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, Editora da UnB, 1994.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo, Perspectiva, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- _____. **Conseqüências da modernidade**. São Paulo, Unesp, 1992.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo, Edições Loyola, 1994.
- MASTERMANN, Len. **Teaching the media**. London, Comedia, 1986.
- MARX, Karl e ENGELS, F. O manifesto comunista. In: LASKI, H. **O manifesto comunista de Marx e Engels**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- McLAREN, Peter. **Critical pedagogy and predatory culture**. London, Routledge, 1995.
- MORAN, José Manoel. **Leituras dos meios de comunicação**. São Paulo, Pancast Editora, 1993.
- OROZCO, Guillermo. La audiencia frente a la pantalla. In: Dialogos de la comunicacion. **Revista da FELAFACS**, Colombia, 1993.
- _____. Mediações escolares e familiares na recepção televisiva. **Revista Brasileira de Comunicação**. INTERCOM. São Paulo, 1991.
- SILVA, Tomaz Tadeu e GENTILI, Pablo. **Neoliberalismo, qualidade total e educação**. Petrópolis, Vozes, 1994.